

As Setenta Semanas de Daniel

Dr. Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Introdução

As setenta semanas de Daniel 9:24-27 é provavelmente uma das profecias mais familiares do Antigo Testamento para os estudantes evangélicos de escatologia. Todavia, ao mesmo tempo, ela é uma das passagens mais mal-entendidas no Antigo Testamento. Essa difícil profecia tem recebido proeminência especial no sistema dispensacionalista.

É importante reconhecer que Daniel como um todo tem sido grandemente mal manejado pelos expositores. Charles H. H. Wright lamentou: “Os comentários sobre Daniel são inumeráveis. Nenhum outro livro, salvo o Livro de Apocalipse no Novo Testamento, tem tanto material inútil escrito na forma de exegese”.² Tal lamento poderia ser ainda mais estreitamente focado sobre os quatro versículos que compõem a profecia diante de nós. Todavia, o debate está engajado; entremos, pois, na briga.

A cronologia fornecida na profecia de Daniel sobre as Setenta Semanas é um verdadeiro elemento crítico no argumento dispensacionalista, embora não seja crucial para nenhum dos outros sistemas milenaristas. Walvoord comenta que a “interpretação de Daniel 9:24-27 é de grande importância para o pré-milenismo bem como para o pré-tribulacionismo”.³ Como tal, ela é a “chave” para a profecia e, conseqüentemente, “uma das profecias mais importantes da Bíblia”.⁴ McClain sugere que “nenhum discurso profético é mais crucial que esse”.⁵ Pentecost concorda com McClain que Daniel 9 nos dá “a chave cronológica indispensável para toda a profecia do Novo Testamento”.⁶

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Dezembro/2006.

² Charles H. H. Wright, *An Introduction to the Old Testament* (London: Williams and Norgate, 1906), p. 197.

³ John F. Walvoord, *The Rapture Question* (Grand Rapids: Zondervan, 1957), p. 24.

⁴ John F. Walvoord, *Daniel: The Key to Prophetic Revelation* (Chicago: Moody, 1971), pp. 201, 216.

⁵ Alva J. McClain, *Daniel's Prophecy of the 70 Weeks* (Grand Rapids: Zondervan, 1940), p. 9.

⁶ J. Dwight Pentecost, *Things to Come* (Grand Rapids: Zondervan, 1958), p. 240.

English a chama de uma “profecia extremamente importante”.⁷ Certamente Allis está correto quando observa que “a importância da profecia das Setenta Semanas no ensino dispensacionalista dificilmente pode ser exagerado”.⁸

Essa dependência dispensacionalista de Daniel 9 é infeliz para o dispensacionismo por duas razões: Historicamente, grandes dificuldades estão associadas com a interpretação dessa passagem. J. A. Montgomery chama a profecia de “o Pântano Sombrio da crítica do Antigo Testamento”.⁹ Young comenta: “Esta passagem... é uma das mais difíceis em todo o AT, e as interpretações que têm sido oferecidas são quase incontáveis”.¹⁰ O desafio da passagem é indicado na importante Cristologia do Antigo Testamento de Hengstenberg, onde ele devota mais páginas para analisar esses quatro versículos do que a qualquer outra profecia do Antigo Testamento: um total de 127 páginas.¹¹

Teologicamente, essa “profecia extremamente importante” é a mais difícil para os dispensacionistas tornar crível para aqueles de fora do seu sistema. Até mesmo o dispensacionalista Robert Culver admite: “A dificuldade dos versículos que agora estão diante de nós é evidente”.¹² “Escritores pré-milenistas de duas a três gerações atrás eram muito distantes entre si nos detalhes. Muito da mesma diversidade aparece nos escritores pré-milenistas contemporâneos.”¹³ A profecia das Setenta Semanas leva o dispensacionismo a um das suas peculiaridades mais forçadas: a doutrina da teoria do intervalo da Era da Igreja.¹⁴

Consideremos essa interessante profecia fornecendo primeiramente o que creio ser sua interpretação apropriada. Então revisarei e analisarei brevemente a interpretação dispensacionalista, sobre a qual uma grande parte do dispensacionismo está precariamente fundamentado.

⁷ E. Schuyler English, “The Gentiles in Revelation”, em Charles Lee Feinberg, ed., *Prophecy and the Seventies* (Chicago: Moody, 1971), p. 242.

⁸ O. T. Allis, *Prophecy and the Church* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1945), p. 111.

⁹ J. A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel (International Critical Commentary)* (New York: Scribner's, 1927), p. 400.

¹⁰ E. J. Young, *The Prophecy of Daniel* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949, 1977), p. 191.

¹¹ E. W. Hengstenberg, *The Christology of the Old Testament* (McLean, VA: McDonald, rep. n.d. [trans. 1854]), 2:803-930.

¹² Robert Duncan Culver, *Daniel and the Latter Days* (2nd ed.: Chicago: Moody, 1977), p. 144.

¹³ *Ibid.*, p. 144.

¹⁴ Allis menciona esse ensino procedendo da abordagem dispensacionalista de Daniel 9:24-27 como “uma das provas mais claras da novidade dessa doutrina bem como de sua natureza revolucionária.” Allis, *Prophecy and the Church*, p. 109. É na análise de Kline de Daniel 9 que ele é levado a chamar o dispensacionismo de uma “heresia evangélica.” Meredith Kline, “Covenant of the Seventieth Week,” em John H. Skilton, ed., *The Law and the Prophets: Old Testament Studies in Honor of Oswald T. Allis* (n.p.: Presbyterian and Reformed, 1974), p. 452.

Estrutura do Pacto

À medida que começamos, é crucial compreender a estrutura da profecia. Meredith Kline fornece uma apresentação completa da natureza fortemente pactual da profecia de Daniel. Ele demonstra meticulosamente que a oração de Daniel (Dn. 9:3-19), que inicia a profecia, é “saturada de expressões em fórmulas extraídas dos tratados mosaicos, particularmente do tratado deuteronomico”¹⁵.

O pacto se agiganta na oração de Daniel e na resposta do Senhor a ele: Deus é um Deus que guarda o pacto (9:4), enquanto Israel viola os estatutos de Deus (9:5), mesmo ao ponto de repudiar os representantes proféticos do pacto (9:6,10), recebendo assim a maldição pactual (9:11-15). Daniel 9 é o único capítulo em Daniel a usar o nome pactual especial de Deus, YHWH (“SENHOR”, vv. 2, 4, 10, 13, 14, 20; cf. Ex. 6:2-4). Esta oração com respeito à lealdade pactual é respondida em termos do padrão sabático pactual das setenta semanas (9:24-27), que resulta na confirmação do pacto (9:27).

O reconhecimento da estrutura pactual das Setenta Semanas é importante para sua interpretação apropriada. Ela demanda virtualmente o foco sobre o cumprimento da redenção no ministério de Cristo. Vejamos como isso é assim.

O número sete é familiar aos estudantes da lei sabática do Antigo Testamento. A profecia das Setenta Semanas está claramente estruturada em termos de cronologia sabática (cf. Lv. 25). A própria palavra hebraica *shabua*, que é traduzida como “semana”, significa literalmente “sete”. Esta profecia foi dada a Daniel no primeiro ano da queda da Babilônia (Dn. 9:1), quando ele contemplava a breve conclusão do cativeiro de setenta anos (9:2). O Cativeiro Babilônico foi causado pelo fracasso de Israel em observar os sábados levíticos para a nação (Lv. 26:43; 2Cr. 36:21). Em seu nono capítulo, Daniel se pergunta sobre o que o futuro reserva para Israel, agora que a profecia dos setenta anos de Jeremias está prestes a ser completada. A resposta de Deus à oração de Daniel é a apresentação de um novo período de setenta que produziria seis resultados primários (Dn. 9:24). Nesta profecia, Israel recebe um período de tempo renovado estruturado pelo número setenta: um período de “setenta semanas”.

A primeira fase das Setenta Semanas é as “sete semanas”, ou (literalmente) os “sete setes” (Dn. 9:25). Esse período de “sete setes”

¹⁵ Kline, “The Covenant of the Seventieth Week,” p. 456.

resulta num valor de quarenta e nove. Esse intervalo de quarenta e nove anos (como veremos), reflete o período de tempo que chegaria ao Ano do Jubileu (Lv. 25:8ss). Isso é de forte significância pactual, e diretamente relacionado com o significado redentivo da passagem.

O período total de “setenta setes” também é pactual. Setenta representa dez períodos de sete semanas, e assim, dez jubileus. A figura associada com o uso do número dez é geralmente admitida como sendo de completude (é o número completo dos dígitos na mão de um homem¹⁶). Assim, os setenta setes (semanas) pareceriam apontar para um Jubileu redentivo completo. Ele apontaria apropriadamente para Cristo, que traz esse Jubileu final (cf. Lucas 4:17-21; Is. 61:1-3; Mt. 24:21), e que é a característica primária da profecia de Daniel. Consequentemente, o período de tempo revelado a Daniel demarca o período no qual “a redenção messiânica seria consumada”.¹⁷

Valor Cronológico

Mas qual é o valor cronológico desse período de setenta semanas? As setenta semanas parecem representar um período de setenta vezes sete anos, ou 490 anos. Embora estruturada em termos de simbolismo sabático, a profecia não deveria ser esvaziada de seu intento cronológico, como alguns que parecem ver a mesma como expressiva de um período indefinido.¹⁸ A profecia “carrega toda a marca de precisão cronológica”, mesmo mediante uma leitura apressada.¹⁹ Os números são cuidadosamente mensurados e divididos. Isso se encaixa muito bem com a preocupação cronológica de Daniel nas profecias de Macabeus em Daniel 8 e 12. Há ampla justificação para os dias representarem anos reais:

Primeiro, um período de setenta semanas literais seria muito curto para realizar o cumprimento de tudo o que é esperado. Além disso, que conforto Daniel teria ao saber que a cidade seria reconstruída e destruída em tão breve período? Assim, devemos olhar além do literal para a medida adequada.

¹⁶ William Taylor Smith, “Number,” in James Orr, ed., *International Standard Bible Encyclopedia* (2nd ed.: Grand Rapids: Eerdmans, 1956), 3:2162.

¹⁷ E. J. Young, “Daniel,” in Donald Guthrie and J. Motyer, eds., *Eerdmans Bible Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 698.

¹⁸ Kline, “Daniel 9,” p. 452. Young, *Prophecy of Daniel*, p. 196. C. F. Keil, “Biblical Commentary on the Book of Daniel,” em C. F. Keil and Franz Delitzsch, *Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, rep. 1975), pp. 338-339. Milton S. Terry, *Biblical Apocalypstics: A Study of the Most Notable Revelations of God and of Christ* (Grand Rapids: Baker, rep. 1988 [1898]), p. 201. Montgomery, *Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, pp. 220-221.

¹⁹ Hengstenberg, *Christology of the Old Testament*, 2:880.

Segundo, no contexto precedente, os setenta anos originais da profecia de Jeremias estão na mente de Daniel (Dn. 9:2). Assim, anos, e não semanas literais são sugeridas pela referência anterior, que é crucial para o contexto histórico. Em adição, esses setenta anos sugerem a estrutura da sua profecia.

Terceiro, o ano sábatco (o sétimo ano do período sabático) é frequentemente mencionado como simplesmente “o sábado”.²⁰ Assim, a idéia de um dia de “sábado” (Ex. 20:11) pode se referir a um ano sabático.

Quarto, existe garantia escriturística para medir os dias em termos de anos. Em Gênesis 29:7-28 Jacó é dito trabalhar durante uma “semana” para Raquel, que eram sete anos (v. 20). Em Números 14:34 os quarenta anos errantes é causado pelos quarenta dias de espionagem da terra. Ezequiel 4:5 emprega o mesmo padrão de medida profética que Daniel: “Porque eu te dei os anos da sua iniquidade, segundo o número dos dias”.

Quinto, no contexto imediato seguinte, e separado da nossa passagem por apenas um versículo, descobrimos Daniel referindo-se ao seu uso de “semanas”. Em Daniel 10:2 lemos: “Naqueles dias, eu, Daniel, pranteei durante três dias” (hebraico: *yom*).²¹ Ele faz isso, parece, para distinguir as semanas-de-anos precedentes da semanas-de-dias seguintes que são literais.

Sexto, até mesmo sobre o extremo *terminus ad quo* sugerido pelos eruditos evangélicos (o decreto de Ciro em 538 a.C.), os 490 anos chegam relativamente perto da medida do tempo da morte de Cristo: existiria uma diferença de apenas setenta e cinco anos. Isso deveria sugerir que estamos corretos ao escolher uma medida dia/ano. Uma análise cuidadosa da passagem leva à conclusão que a “ordem” do versículo 24 se encaixa perfeitamente na estrutura cronológica, quando propriamente entendido (como mostrarei).

O Terminus ad Quo

Indubitavelmente, um dos problemas iniciais confrontando o intérprete interessado na cronologia da passagem é a determinação da “ordem” expressa em Daniel 9:25: “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém...”. A primeira vista, isso pareceria ser o decreto de Ciro em 538 a.C., que é mencionado em 2 Crônicas 36:22-23

²⁰ Lv. 25:2-5; 26:34, 35, 43; 2Cr. 36:21; etc.

²¹ Nota do tradutor: A RA traz semanas: “Naqueles dias, eu, Daniel, pranteei durante três semanas”.

e em Esdras 1:1-4; 5:13, 17, 6:3. Sem dúvida, Ciro deu uma ordem para que a cidade fosse reconstruída (cf. Is. 44:28), embora a maior parte das referências ao seu decreto nos livros históricos tenha a ver com a reconstrução do Templo. Daniel, contudo, fala especificamente da ordem para “restaurar e para edificar Jerusalém”, que é uma qualificação importante, como Hengstenberg demonstrou de forma competente.²² Apesar de esforços apáticos terem sido feitos para restaurar Jerusalém segundo o decreto de Ciro, por um longo tempo Jerusalém foi pouco mais que uma vila pouco povoada sem muralhas.

Todavia, Daniel fala da ordem para “restaurar” (*shuwb*, “retornar”) Jerusalém (Dn. 9:25). Isso requer que ela seja retornada à sua integridade e grandeza original, de acordo com a profecia de Jeremias: “E removerei o cativo de Judá e o cativo de Israel e os edificarei como no princípio” (Jr. 33:7, RC). Isso deve envolver a restauração da cidade, completa com suas ruas e protegidas por muros: “Ela será reconstruída com ruas e muros, mas em tempos difíceis” (Dn. 9:25, NVI²³). Não foi até metade do quinto século a.C. que isso foi seriamente tomado. Hengstenberg aponta para o decreto de Artaxerxes I em Neemias 2:1 (cf. v. 18²⁴) como o ponto de partida (embora a sua data vigorosamente argumentada de 455 a.C. para o vigésimo ano de Artaxerxes não seja amplamente sustentada hoje).²⁵ Payne e Boutflower apontam para o esforço espiritualmente carregado sob Esdras, em Esdras 7:11-26, como o ponto de partida.²⁶ Essa data seria 458 a.C. Julius Africanus, Vitringa, Ideler e a maioria dos dispensacionalistas calculam os anos mediante o ano judeu de 360 dias.²⁷ Woodrow, seguindo Anstey, contesta a cronologia ptolêmica em favor de uma cronologia mais bíblicamente baseada dos tempos antigos.²⁸ Em adição, poderia ser que a “ordem” é uma ordem secreta divina que dá o impulso providencial para os reis pagãos permitir a reconstrução e/ou os

²² Hengstenberg, *Christology of the Old Testament*, 2:884ss.

²³ A presença de ruas parece retratar uma cidade estável e próspera, aberta ao comércio e intercuro; enquanto a destruição de ruas são emblemas que sinalizam devastação e julgamento. Veja: 1Re. 20:34; Jr. 7:34; 33:10; 44:6, 17; Zc. 3:6.

²⁴ Aparentemente, Salmo 147:13-14 é um louvor ao Senhor pela reconstrução de Jerusalém por Neemias. Veja: J. A. Alexander, *Psalms Translated and Explained* (Grand Rapids: Baker, rep. 1873), p. 557.

²⁵ Hengstenberg, *Christology of the Old Testament*, 2:884-911.

²⁶ J. Barton Payne, *Encyclopedia of Biblical Prophecy* (New York: Harper and Row, 1973), pp. 388ss. C. Boutflower, *In and Around the Book of Daniel* (London: SPCK, 1923), pp. 195ss.

²⁷ Julius Africanus, em Eusebius, *Demonstration of the Gospel* 8:2. Isso pode ser encontrado em Alexander Roberts and James Donaldson, eds., *The Ante-Nicene Fathers* (Grand Rapids: Eerdmans, rep. 1885), 6:134. Para Vitringa e Ideler, veja: Hengstenberg, *Christology of the Old Testament*, 2:891 n2. Harold Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Grand Rapids: Zondervan, 1977). J. Dwight Pentecost, “Daniel,” em Walvoord and Zuck, *Bible Knowledge Commentary*, pp. 1363-1365.

²⁸ Ralph Woodrow, *Great Prophecies of the Bible* (Riverside, CA: Woodrow Evangelistic Assoc., 1971, 1989), pp. 94-101. Martin Anstey, *Romance of Bible Chronology* (1913). Ptolemy (A.D. 70-161) nos forneceu seu importante *The Canon of Ptolemy*, sobre o qual muito da cronologia antiga hoje é baseada.

judeus se engajarem realmente com esforço e diligência.²⁹ Nesse evento, o mandamento não seria exatamente datável, exceto em retrospecto, após a profecia ter sido consumada na vinda do Messias. Adotando qualquer um desses cenários, descobrimos uma razão possível pela qual o Messias era tão esperado no primeiro século³⁰ – e ele apareceu então.

É abundantemente claro nas referências a Jerusalém, décadas após o decreto de Ciro, que pouco foi feito para com a reconstrução de Jerusalém. Neemias fala dos muros de Jerusalém como estando caídos (Ne. 1:3; 2:3-5, 17; 7:4). Zacarias fala de Jerusalém como destruída em seus dias (Zc. 14:11). Ele fala até mesmo de sua breve reconstrução vindoura (Zc. 1:16).³¹ Os inimigos dos judeus advertiram Artaxerxes que os judeus se tornariam um problema se reconstruíssem a cidade (Esdras 4:12-23). Isso explica o porquê Esdras pôde falar da extrema aflição de Jerusalém “até hoje” (Esdras 9:7-9, 15).

O processo de reconstrução diligente, que chegou ao clímax numa Jerusalém restaurada, parece ter começado: (1) inicialmente, no reavivamento espiritual sob Esdras (Esdras 7); ou (2) de fato, sob a administração de Neemias (Ne. 2:1, 17-18; 6:15-16; 12:43).³² Houve muitas ordens políticas preparando para a restauração de Jerusalém e uma ordem divina: “Os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando em virtude do que profetizaram os profetas Ageu e Zacarias, filho de Ido. Edificaram a casa e a terminaram segundo o mandado do Deus de Israel e segundo o decreto de Ciro, de Dario e de Artaxerxes, rei da Pêrsia” (Esdras 6:14).

O primeiro período de sete semanas deve indicar alguma coisa, pois o mesmo é separado dois outros dois períodos. Caso ele não fosse significativo, Daniel poderia ter falado das sessenta e nove semanas, ao invés de “sete semanas e sessenta e duas semanas” (Dn. 9:25). Essas sete semanas (ou quarenta e nove anos) aparentemente testemunham a conclusão bem sucedida da reconstrução de Jerusalém.³³ A cidade foi reconstruída durante essa era, a despeito da oposição nos “tempos angustiosos” (compare Ne. 4:18), que Deus ordenou para eles nessa profecia (Dn. 9:25).

²⁹ Veja: Young, “Daniel,” em *Eerdmans' Bible Commentary*, p. 699. Hengstenberg, *Christology*, 2:829.

³⁰ Mt. 11:3; Marcos 15:43; Lucas 1:76-79; 2:25, 26, 38; 3:15.

³¹ Veja também: Zc. 1:12; 2:1; 7:7; 8:5-6.

³² Julius Africanus defendeu essa visão a muito tempo atrás. Veja seus comentários citados em Eusébio, *Demonstration of the Gospel* 8:2.

³³ Hengstenberg, *Christology of the Old Testament*, pp. 894ss.

O segundo período das sessenta e duas semanas estende-se desde a conclusão da reconstrução de Jerusalém até a introdução do Messias a Israel em seu batismo, no começo do seu ministério (Dn. 9:25), aproximadamente por volta de 26-30 d.C. Essa interpretação é amplamente aceita por estudiosos conservadores, sendo quase “universal entre os exegetas cristãos”³⁴, excluindo os dispensacionalistas. O terceiro período de uma semana é assunto de intensa controvérsia entre o dispensacionalismo e outros estudiosos conservadores.

Visto que nossa investigação das Setenta Semanas é escatológica e não apologética, não precisamos fazer uma determinação final da maneira exata do cálculo do *terminus a quo* da ordem. Ficamos confortáveis diante das várias possibilidades intimamente relacionadas diante de nós; todavia, os eventos messiânicos aludidos por Daniel são mais cruciais para as nossas preocupações escatológicas do que a determinação da data da “ordem”. Voltamos-nos agora para uma consideração das questões de diferença importante que separam o dispensacionismo dos outros pontos de vista evangélicos.

Interpretação de Daniel 9:24

Em Daniel 9:24, a expectativa predominante e gloriosa da profecia é declarada: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos”. Deixe-me apontar brevemente a interpretação apropriada dos eventos no versículo 24 dentro do contexto da profecia inteira.

A Importância do Versículo 24

As seis frases no infinitivo do versículo 24 deveriam ser entendidas como três coplas, como sugerido por Payne, Terry, Maurer, Hitzig e os Massoretas,³⁵ e não como dois tercetos, como proposto por Keil e Young.³⁶ Claramente, esses seis resultados são o ponto principal da profecia, servindo como o título para a explicação que segue. A declaração “sabe e entende” no versículo 25 começa essa explicação.

³⁴ Montgomery, *Daniel*, p. 332.

³⁵ J. Barton Payne, “The Goal of Daniel’s Seventy Weeks,” *Journal of the Evangelical Theological Society* 21:2 (June, 1978) 111. Terry, *Biblical Apocalypics*, p. 200. Young lista outros: F. Maurer, *Commentarius grammaticus criticus in Vetus Testamentum*, vol. 2 (Leipzig: 1838); F. Hitzig, *Das Buch Daniel* (1850).

³⁶ Keil, “Daniel,” *Commentary on the Old Testament*, p. 341. Young, *Daniel*, pp. 197-201.

Devem existir, então, correspondências entre os eventos do versículo 24 e a profecia dos versículos 25-27.

A visão geral de Daniel 9:27 entre os evangélicos não-dispensacionalistas é que “os seis itens apresentados... estabelecem o *terminus ad quem* da profecia”,³⁷ isto é, eles têm a ver com o Primeiro Advento. Culver coloca a questão numa perspectiva dispensacionalista destemida, quando observa que esses eventos “não devem ser encontrados em nenhum evento próximo do período de vida terrena do nosso Senhor.”³⁸ Ryrie aponta para o nosso versículo e diz: “Deus uma vez mais voltará sua atenção de um modo especial para o seu povo, os judeus, e para sua santa cidade Jerusalém, como delineado em Daniel 9:24.”³⁹ O dispensacionalista toma uma abordagem decididamente futurista para a profecia, quando ele passa das primeiras sessenta e nove semanas.

A profecia das Setenta Semanas se foca definitivamente sobre Israel (v. 24), como resultado da contemplação de Daniel do cativo de Israel (Dn. 9:2) e sua oração de confissão em favor de Israel (Dn. 9:4-22). Mas, sem dúvida, o Messias de Israel é o único Salvador dos homens, de forma que as realizações de sua obra se estendem além do povo judeu (e.g., Sl. 72:8; Is. 2:2-4; 11:9-10).⁴⁰ Vemos essa obra salvadora universal em outras profecias e a vemos novamente aqui. Mas a ênfase sobre Israel aqui é significativa. Daniel termina com o “ungir o Santo dos Santos” (v. 24), não porque isso seja cronologicamente final, mas de forma que ele possa levar diretamente à apresentação do “Messias” (hebraico: Ungido, v. 25).⁴¹ Como veremos, esses elementos envolvem uma mistura de bênção e maldição, como é comum nas promessas pactuais.

A Interpretação do Versículo 24

Observemos, em primeiro lugar, que as Setenta Semanas testemunhariam o término da transgressão. Como notado, a oração de confissão de Daniel dizia respeito aos pecados de Israel (Dn. 9:4ss) e o foco da profecia é sobre Israel (Dn. 9:24a). Consequentemente, esse fazer cessar (hebraico *kala*) a transgressão tem a ver com Israel terminar, isto é, completar sua transgressão contra Deus. O término dessa transgressão ocorre no ministério de Cristo, quando Israel culmina sua resistência a Deus

³⁷ *Ibid.*, p. 201.

³⁸ Robert Duncan Culver, *Daniel and the Latter Days* (1st ed: Westwood, NJ: Revell, 1954), p. 155.

³⁹ Charles C. Ryrie, *Basic Theology* (Wheaton, IL: Victor, 1986), p. 465.

⁴⁰ Veja: Kenneth L. Gentry, Jr., *He Shall Have Dominion: A Postmillennial Eschatology* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1992), cap. 10, 12.

⁴¹ Veja o argumento de Payne em Payne, “Goal of Daniel’s Seventy Weeks,” pp. 97-115. (Eu não sigo todo o argumento de Payne.)

rejeitando seu Filho e crucificando-o: “E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: ‘A meu filho respeitarão’. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança’.” (Mt. 21:37-38; cf. 21:33-45; Atos 7:51-52).⁴²

A segunda parte da copla está diretamente relacionada com a primeira: Tendo terminado a transgressão contra Deus na rejeição do Messias, agora os pecados são selados (margem da NASB; hebraico, *chatham*). A idéia aqui é, como Payne observa, selar ou “reservar pecados para punição.”⁴³ Por causa da rejeição do Messias por Israel, Deus reserva um castigo para ele: a destruição final e conclusiva do Templo, que foi preservado desde o tempo do ministério de Jesus até 70 d.C. (Mt. 24:2, 34). O selar ou reservar dos pecados indica que dentro das “Setenta Semanas” Israel completaria sua transgressão e com o completar do seu pecado, Deus agiria para reservar (além das setenta semanas) seus pecados para o julgamento. Esse é um ponto importante no Sermão da Oliveira do Senhor: Quando antes de sua crucificação Cristo diz, “Eis que a vossa casa vos ficará deserta” (Mt. 23:38),⁴⁴ ele então reserva seu julgamento para uma geração (Mt. 24:2,34).

O terceiro resultado (começando a segunda copla) tem a ver com a provisão “para expiar a iniquidade.”⁴⁵ A palavra hebraica *kaphar* é a palavra para “expição”, isto é, um cobrir do pecado. Ela fala claramente da morte expiatória de Cristo, que é a expiação última a qual todos os rituais do Templo apontavam (Hb. 9:26).⁴⁶ Isso ocorreu também durante o seu ministério terreno – na sua morte. O dispensacionalista aqui prefere interpretar esse resultado como uma aplicação ao invés de realização; ele a vê como uma apropriação subjetiva ao invés de realização objetiva. Walvoord admite que esse resultado “parece ser antes um retrato claro da cruz de Cristo”, mas que “a aplicação real dela é novamente associada com o segundo avvento até onde Israel diz respeito.”⁴⁷ Mas sobre a base do verbo hebraico, a passagem fala claramente da reconciliação real (ou expiação). As setenta semanas incluem necessariamente o efetuar desse resultado também.

⁴² Mt. 20:18-19; 23:37-38; 27:11-25; Marcos 10:33; 15:1; Lucas 18:32; 23:1-2; João 18:28-31; 19:12, 15; Atos 2:22-23; 3:13-15a; 4:26-27; 5:30; 7:52.

⁴³ Payne, “Goal of Daniel’s Seventy Weeks,” p. 111.

⁴⁴ Isso acontece com sua morte, quando o véu é rasgado (Mt. 27:51).

⁴⁵ O artigo definido, que ocorreu antes de “transgressão” e “pecados” está ausente aqui. Ali ele refere-se à situação de Israel. Aqui ele considera a categoria mais geral da humanidade.

⁴⁶ Hb. 1:3; 7:27; 9:7-12, 26, 28; 10:9-10. Veja também: João 1:29; Rm. 3:25; 2Co. 5:19; 1Pe 2:24; 1 João 2:2.

⁴⁷ Walvoord, *Daniel*, pp. 221, 222.

Por causa dessa expiação para cobrir pecado, o quarto resultado é que a justiça eterna é efetuada. Isto é, a expiação final e completa estabelece a justiça. Isso fala da realização objetiva, não a apropriação subjetiva da justiça. Isso foi efetuado por Cristo dentro do período das setenta semanas também: “Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas” (Rm. 3:21-22a).

O quinto resultado (a primeira porção da terceira copla) tem a ver com o ministério de Cristo sobre a Terra, que é introduzido em seu batismo: ele veio para “selar a visão e a profecia”. O significado disso é que Cristo cumpre (e através disso, confirma) a profecia. O dispensacionalista cuidadoso resiste à idéia que isso tem a ver com o selar da profecia no ministério terreno de Cristo, pois ele não cumpriu toda a profecia naquele tempo.⁴⁸ Mas nem ele o faz dentro das setenta semanas (durante a Tribulação), nem no “milênio”! Pois seguindo esses, vem a ressurreição e os Novos Céus e Nova Terra. Na verdade, o selar da profecia diz respeito ao assunto de Daniel 9: a realização da redenção do pecado, isto é, expiação. Isso Cristo realizou: “Eis que subimos para Jerusalém, e vai cumprir-se ali tudo [!] quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem” (Lucas 18:31; cp. Lucas 24:44; Atos 3:18).⁴⁹

Finalmente, os setenta anos são para o seguinte objetivo: “para ungir o Santo dos Santos”. Esse ungir [hebraico *mashach*] fala da introdução de “Cristo” por meio de sua unção batismal. Isso parece claramente ser o caso pelas seguintes razões: (1) A preocupação predominante de Daniel 9:24-27 é Messiânica. O Templo que é construído após o Cativo Babilônico seria destruído após as setenta semanas (v. 27), com nenhuma menção adicional feita a ele. (2) Nos versículos seguintes, o Messias (hebraico *mashiyach*, “Cristo”, “Ungido”) é especificamente mencionado duas vezes (vv. 25, 26). (3) Contrário à interpretação dispensacionalista, não existe nenhuma evidência de uma unção de qualquer Templo na Escritura – quer o Templo original de Salomão, o Templo reconstruído de Zorobabel, o Templo visionário de Ezequiel ou o Templo expandido de Herodes.

⁴⁸ Leon Wood, *A Commentary on Daniel* (Grand Rapids: Zondervan, 1973), p. 250.

⁴⁹ Walvoord tropeça ao conceder que essa profecia cobre “a cessação do dom profético do Novo Testamento, visto tanto na profecia oral como na escrita das Escrituras” (Walvoord, *Daniel*, p. 222). Isso, contudo, não ocorre nas primeiras sessenta e nove semanas (até “um pouco antes do tempo da crucificação de Cristo”) nem na septuagésima semana (a Grande Tribulação futura), os períodos que ele alega envolver os 490 anos. John F. Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook* (Wheaton, IL: Victor, 1990), p. 258. Todavia, ele diz especificamente que os “seis maiores eventos caracterizam os 490 anos”! (*Ibid.*, p. 251). Após estudo intenso, mudei minha própria visão sobre essa passagem com relação a uma declaração anteriormente publicada. Veja Gentry, *The Charismatic Gift of Prophecy: A Reformed Response to Wayne Grudem* (2nd ed: Memphis: Footstool, 1989), p. 54n.

(4) A fraseologia “Santo dos Santos” fala apropriadamente do Messias, que é “aquele Santo que haveria de nascer”.⁵⁰ É de Cristo que o Jubileu redentivo último é profetizado por Isaías nessas palavras: “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do SENHOR” (Is. 61:1-2a; cp. Lucas 4:17-21). Foi em sua unção baptismal que o Espírito veio sobre ele (Marcos 1:9-11). E isso foi introdutório ao seu ministério, do qual lemos três versículos adiante: “Foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido [a sexagésima nova semana?⁵¹], e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Marcos 1:14-15). Cristo é preeminente o Ungido.⁵²

A Septuagésima Semana

O Messias agora experimenta algo “após as sessenta e duas semanas” (Dn. 9:26), que segue as “sete semanas” precedentes (v. 25). Isso deve ocorrer, então, em algum período após a sexagésima nona semana. Uma leitura natural do texto mostra que isso está na septuagésima semana, pois esse é o único período de tempo restante para o cumprimento do objetivo da profecia listado no versículo 24. Que isso ocorre nesse tempo é: “Será tirado o Messias e não será mais” (Daniel 9:26, RC).⁵³ A palavra hebraica traduzida como “tirado” aqui (*karath*) “é usada para pena de morte, Lv. 7:20; e refere-se a uma morte violenta”, isto é, a morte de Cristo na cruz.

⁵⁰ Lucas 1:35; cp. 4:34, 41. Veja também: Marcos 1:24; Atos 3:14; 4:27, 30; 1 João 2:20; Ap. 3:7; Ele é chamado de o “ungido” (Sl. 2:2; Is. 42:1; Atos 10:38).

⁵¹ Interessantemente havia uma crença corrente, amplamente sustentada, que um governador se levantaria em Israel “naquele mesmo tempo”, isto é, durante a Guerra Judaica. Tacitus, *Histories* 5:13: “A maioria estava convencida que as antigas escrituras dos seus sacerdotes aludiam *ao presente como o próprio tempo* quando o Oriente triunfaria e de Judá sairiam homens destinados a governar o mundo. Essa profecia misteriosa refere-se realmente a Vespasiano e Tito...”. Suetônio, *Vespasian* 4: “Uma antiga superstição era corrente no Oriente, que de Judá neste tempo apareceriam os governadores do mundo. Essa predição, como o evento mais tarde provou, referia-se a um Imperador Romano....” Josefo até mesmo levanta essa idéia, quando fala de Vespasiano e declara que ele era aquele que governaria (*Wars* 3:8:9). A única profecia com respeito a Israel que realmente data a era Messiânica é Daniel 9:24-27. Josefo também aplica a passagem de Daniel 9 ao governo dos Romanos em outro contexto: “Da mesma forma, Daniel também escreveu com respeito ao governo Romano, e que nosso país deveria ser desolado por eles. Todas essas coisas esse homem deixou escrito, à medida que Deus mostrava para ele...” (*Ant.* 10:11:7).

⁵² Sl. 2:2; 132:10; Is. 11:2; 42:1; Hc. 3:13; Atos 4:27; 10:38; Hb. 1:9. Vanderwaal nega a referência messiânica dessa passagem, preferindo uma referência sacerdotal macabeana. Cornelius Vanderwaal, *Hal Lindsey and Biblical Prophecy* (St. Catherines, ON: Paideia, 1978), p. 37.

⁵³ Nota do tradutor: “Será morto o Ungido e já não estará”, na RA.

Dado o padrão hebraico de repetição, discernimos facilmente um paralelo entre os versículos 26 e 27; o versículo 27 amplia o versículo 26. Negativamente, a morte do Messias no versículo 26 é o resultado de Israel completar a sua transgressão e trazê-la à culminação (v. 24) ao crucificar o Messias.⁵⁴ Positivamente, o versículo 27 declara esse mesmo evento: “Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares.” Considerado a partir de seu efeito positivo, essa confirmação do pacto⁵⁵ com muitos faz reconciliação e traz justiça eterna (v. 24). Assim, esses paralelos referem-se ao mesmo evento, considerado a partir de dois ângulos de bênção e maldição (cp. Dt. 11:26; 30:1), ambos dos quais estão determinados a ocorrer dentro das setenta semanas.

A Confirmação do Pacto

A confirmação do pacto (v. 27)⁵⁶ refere-se às ações pactuais profetizadas do versículo 24, que acontecem como o resultado do Jubileu Pactual Perfeito (Setenta Semanas), e é mencionado como um resultado da oração pactual de Daniel (cf. v. 4). O pacto mencionado, então, é o pacto divino da graça redentora de Deus.⁵⁷ O Messias veio confirmar as promessas do pacto: “para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança” (Lucas 1:72).⁵⁸ Ele confirmou o pacto por sua morte na cruz: “por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança” (Hb. 7:22b).⁵⁹ A palavra traduzida como “confirmará” (Daniel 9:27, versão do autor)⁶⁰ (hebraico *gabar*) está relacionada com o nome do anjo Gabriel, que trouxe a Daniel a revelação das Setenta Semanas (e que mais tarde trouxe a revelação do nascimento de Cristo [Lucas 1:19, 26]). “Gabriel” é baseado no hebraico *gibbor*, “forte”, um conceito freqüentemente associado com o Deus do pacto.⁶¹ A palavra relacionada encontrada em

⁵⁴ Mt. 20:18-19; 27:11-25; Marcos 10:33; 15:1; Lucas 18:32; 23:1-2; João 18:28-31; 19:12, 15; Atos 2:22-23; 3:13-15a; 4:26-27; 5:30; 7:52.

⁵⁵ Nota do tradutor: A versão do autor diz: “Ele confirmará um pacto com muitos por uma semana...”.

⁵⁶ Ver nota 55.

⁵⁷ Quando “pacto” é mencionado em Daniel, ele é sempre o pacto de Deus, veja: Daniel 9:4; 11:22, 28, 30, 32. Isso inclui até mesmo Dn. 11:22; veja: Pentecost, “Daniel,” *Bible Knowledge Commentary*, 1:1369.

⁵⁸ Seus pactos são “os pactos da promessa” (Ef. 2:12). Veja: Lucas 1:72; Atos 3:25-26; 13:32; 26:6-7; Rm. 1:2; 4:16; 9:4; 15:8; 2Co. 1:20; Gl. 3:16-22; Ef. 3:6; Hb. 7:22; 13:20.

⁵⁹ Mt. 26:28; Marcos 14:24; Lucas 22:20; 1Co. 11:25; 2Co. 3:6; Hb. 8:8, 13; 9:15; 12:24.

⁶⁰ Nota do tradutor: As traduções em português deixam a desejar na transmissão do significado original: “E ele firmará um concerto”, na RC; “Ele fará firme aliança”, na RA; “Com muitos ele fará uma aliança”, na NVI.

⁶¹ Dt. 7:9, 21; 10:17; Ne. 1:5; 9:32; Is. 9:6; Dn. 9:4. Hengstenberg argumenta convincentemente que a fonte de Daniel 9 parece ser Isaías 10:21-23, onde Deus é o “Deus todo poderoso”, que abençoa o fiel remanescente.

Daniel 9:27 significa “tornar forte, confirmar”.⁶² Esse “pacto firme” traz “justiça eterna” (Dn. 9:24) – por conseguinte, sua firmeza.

A oração de Daniel foi particularmente para Daniel (Dn. 9:3ss) e foi expressa em reconhecimento que Deus promete misericórdia sobre aqueles que o amam (v. 4). Portanto, a profecia sustenta que o pacto será confirmado com muitos por uma semana. A referência aos “muitos” fala dos fiéis em Israel. “Assim, um contraste é introduzido entre Ele e os Muitos, um contraste que parece refletir sobre a grande passagem Messiânica, Is. 52:13-53:12 e particularmente 53:11. Embora a nação inteira não receberia a salvação, os muitos receberiam.”⁶³

Essa confirmação das promessas pactuais de Deus aos “muitos” de Israel ocorreria no meio da septuagésima semana (v. 27), que faz paralelo “após as sessenta e duas [e sete] semanas” (v. 26), embora fornecendo maior detalhe. Sabemos que os três anos e meio do ministério de Cristo na primeira metade da septuagésima semana foram decididamente focados sobre os judeus, pois ele ordenou aos seus discípulos: “Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos” (Mt. 10:5b; cp. Mt. 15:24). Então, por um período de três anos e meio após a crucificação,⁶⁴ os apóstolos se focaram exclusivamente nos judeus, começando primeiro “na Judéia” (Atos 1:8; Atos 2:14) porque “o evangelho de Cristo” é “primeiro do judeu” (Rm. 1:16; cf. 2:10; João 4:22).

Embora o evento que serve como o término da sexagésima nova semana seja claramente especificado, tal não é o caso com o término da septuagésima. Assim, não é tão significativo conhecer um evento exato concluindo a septuagésima. Aparentemente no apedrejamento de Estevão, o primeiro mártir do Cristianismo (Atos 8:1), a proclamação pactual começou a se voltar para os gentios: “E Saulo consentia na sua morte. Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria” (Atos 8:1). O apóstolo dos gentios aparece no cenário na morte de Estevão (Atos 7:58-8:1), assim como irrompe a perseguição judia contra o Cristianismo. A missão de Paulo é claramente declarada como excedendo o foco limitado sobre os judeus: “Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (Atos 9:15).

⁶² Young, *Daniel*, p. 209; Allis, *Prophecy and the Church*, p. 122; Hengstenberg, *Christology of the Old Testament*, p. 856.

⁶³ Young, *Daniel*, p. 213.

⁶⁴ Payne, “The Goal of Daniel’s Seventy Weeks,” p. 109n. Boutflower, *In and Around the Book of Daniel*, pp. 195ss. Hengstenberg, *Christology of the Old Testament*, 2:898. Young, *Daniel*, p. 213.

Essa confirmação do pacto ocorre “no meio da semana” (v. 27). Eu já mostrei que a septuagésima semana começa com a unção batismal de Cristo. Então, após três anos e meio de ministério – a metade da septuagésima semana – Cristo foi crucificado.⁶⁵ Dessa forma, a profecia declara que por sua confirmação conclusiva do pacto, o Messias faria “cessar o sacrifício e a oferta de manjares” (v. 27) ao oferecer a si mesmo como um sacrifício pelo pecado: “Agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado” (Hb. 9:25-26; cp. Hb. 7:11-12, 18-22). Consequentemente, em sua morte o véu do Templo foi rasgado de alto a baixo (Mt. 27:51), como evidência que o sistema de sacrifício tinha sido legalmente abolido aos olhos de Deus (cf. Mt. 23:38), pois Cristo é o Cordeiro de Deus (João 1:29; 1Pe. 1:19).

A Destruição de Jerusalém

Mas agora, como devemos entender as últimas porções dos versículos 26 e 27? O que devemos fazer com a destruição da cidade e do santuário (v. 26) e a abominação que causa desolação (v. 27), que a maioria dos comentaristas evangélicos concorda ter ocorrido em 70 d.C.?

No versículo 26 aprendemos que dois eventos ocorrem após a sexagésima nona semana: (1) O Messias seria “tirado”, e (2) a cidade e o santuário seriam destruídos. O versículo 27a nos informa que o fato do Messias ser tirado (v. 26a) é uma confirmação do pacto e deve ocorrer na metade da septuagésima semana. Assim, a morte do Messias está claramente dentro do período de tempo das Setenta Semanas (como esperávamos, visto que ele é a figura principal do cumprimento da profecia).

Os eventos envolvendo a destruição da cidade e do santuário com guerra e desolação (vv. 26b, 27b) são as conseqüências da morte do Messias e não ocorrem necessariamente no período do tempo das setenta semanas. Eles são um adendo ao cumprimento do foco da profecia, que é declarado no versículo 24.

Os atos destrutivos são antecipados, contudo, no ato divino de selar ou reservar o pecado de Israel para o castigo. O pecado climático de

⁶⁵ Sua duração é aludida em Lucas 13:6-9. Sua crucificação após três anos e meio de ministério é amplamente aceita. A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels* (New York: Harper and Row, 1922, 1950), p. 270. Eusébio comenta: “visto que ele começou sua obra durante o sumo sacerdócio de Anás e ensinou até que Caifás assumisse o ofício, o tempo inteiro não abrange quatro anos completos” (*Eccl. Hist.* 1:10:3).

Israel – o completar da sua transgressão (v. 24) com a morte do Messias (v. 26a) – resulta no ato de Deus de reservar seu julgamento para mais tarde. O pecado de Israel não será reservado para sempre; ele será julgado após a expiração das setenta semanas. Isso explica a própria frase indefinida⁶⁶ “até o fim da guerra” (versão do autor): o “fim” não ocorrerá nas setenta semanas. Esse fim ocorreu em 70 d.C., como Cristo deixa abundantemente claro em Mateus 24:15

A Interpretação Dispensacionalista

Existem três erros fundamentais na abordagem dispensacionalista das Setenta Semanas de Daniel. Esses envolvem o entendimento apropriado do término antecipado, a unidade das setenta semanas e a identidade do pacto do versículo 27.

O Término

Os dispensacionalistas são pressionados por seu sistema a re-interpretar radicalmente Daniel 9:24: Eles colocam esses eventos no futuro a partir do nosso próprio tempo, adiando-os até o retorno de Israel ao Senhor na versão deles dos sete anos da Grande Tribulação.⁶⁷ As citações a seguir demonstrando isso são extraídas do comentário sobre Daniel de J. Dwight Pentecost, encontrado no *Bible Knowledge Commentary* do Seminário de Dallas.⁶⁸ Eu usarei isso como uma representação do dispensacionalismo padrão de hoje.

Pentecost afirma que “fazer cessar a transgressão” refere-se à remoção da tendência à apostasia de Israel, que ocorre no Segundo Advento quando Israel é “restaurado à terra e abençoado”. O fazer “um fim aos pecados” significa que “na segunda vinda de Cristo, ele removerá o pecado de Israel”. “Fazer reconciliação” pelos pecados “diz respeito à expiação final de Deus de Israel, quando o mesmo se arrepende na segunda vinda de Cristo”. Trazer a “justiça eterna” indica “que Deus estabelecerá uma era caracterizada pela justiça. Isso é uma referência ao reino do milênio”.

Quando lemos “para selar a visão e a profecia”, devemos entender que “tudo o que Deus disse através dos profetas que faria em cumprimento ao seu pacto com Israel, será realizado plenamente no reino

⁶⁶ Allis, *Prophecy and the Church*, p. 115.

⁶⁷ Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, pp. 251ss. Charles L. Feinberg, *Millennialism: The Two Major Views* (Chicago: Moody, 1980), p. 150.

⁶⁸ Walvoord and Zuck, *Bible Knowledge Commentary*. All quotes are taken from pages 1361-1362.

do milênio.” “Para ungir o Santo dos Santos”, de acordo com Pentecost, “pode se referir à dedicação do lugar do santo dos santos no templo do milênio” ou “pode não se referir a um lugar santo, mas ao Santo, Cristo. Se é assim, isso fala do entronizamento de Cristo” como “Rei dos reis e Senhor dos senhores no Milênio.” Resumindo, Pentecost declara: “Essas seis realizações, então, antecipam o estabelecimento do reino milenar do pacto de Israel sob a autoridade do seu Rei prometido”.

Eu já forneci uma interpretação do término no ministério de Cristo que é mais amplamente sustentada pelos evangélicos. Claramente, a visão dispensacionalista está radicalmente em erro. Isso se tornará ainda mais evidente nos parágrafos seguintes à medida que considero a teoria do intervalo do dispensacionalismo. Nesse ponto, o leitor deveria considerar quão estranho é que na interpretação do dispensacionalista, o absolutamente importante Primeiro Advento de Cristo – durante o qual Cristo morreu pelo pecado em cumprimento do simbolismo do Templo, da tipologia do Antigo Testamento e da antecipação profética – é quase negligenciando nessa profecia, recebendo apenas uma referência discreta. Como Mauro reclamou a tempo atrás, a idéia fundamental do versículo 24 “aconteceu num intervalo não mencionado”!⁶⁹ Os dois primeiros períodos da unidade das Setenta Semanas nos levam até a crucificação de Cristo – pelo menos perto dela, na visão dispensacionalista. Então, ignorando essa obra absolutamente importante, essa visão pula subitamente para o Segundo Advento!

O Intervalo nas Setenta Semanas

O dispensacionalismo incorpora um intervalo ou parêntese entre a sexagésima nona e a septuagésima semana. Esse intervalo abrange toda a Era da Igreja, desde a Entrada Triunfal até o Arrebatamento.⁷⁰ Os argumentos dispensacionalistas para um intervalo de duração indeterminada entre a sexagésima nona e a septuagésima semana não são convincentes. Consideremos os principais argumentos para um intervalo.

⁶⁹ Philip Mauro, *The Seventy Weeks and the Great Tribulation* (Boston: Hamilton, 1923), p. 101. Veja a discussão em suas páginas 91-101.

⁷⁰ Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, pp. 256-257. Ryrie, *Basic Theology*, p. 465. Pentecost, “Daniel,” *BKC*, 1:161. Walvoord, *Daniel*, pp. 230-231. É interessante observar que os Pais primitivos sustentavam uma interpretação não-escatológica da Septuagésima Semana, aplicando-a ao ministério de Cristo ou a 70 d.C. Veja Barnabus 16:6; Clemente de Alexandria, *Miscellanies* 1:125-26; Tertuliano, *An Answer to the Jews* 8; Julius Africanus, *Chronology* 50. Veja: L. E. Knowles, “The Interpretation of the Seventy Weeks of Daniel in the Early Fathers,” *Westminster Theological Journal* 7 (1945) 136-160 .

Primeiro, a fraseologia peculiar em Daniel: Daniel coloca a morte do Messias “após os 62 ‘setes’, não no 70º ‘sete’.”⁷¹ Isso é declarado dessa forma para permitir um intervalo entre a sexagésima nova e a septuagésima semana. Se a morte não ocorre na sexagésima nova ou na septuagésima semana, deve existir um intervalo dentro do qual ela ocorre.

Em resposta, é óbvio que a septuagésima ocorre após a sexagésima nova e, assim, satisfaz os requerimentos da declaração. Conseqüentemente, tal argumento não prova que o “após” requer um intervalo. Além disso, Daniel tem apenas setenta semanas e, como LaRondelle apontou, Daniel sem dúvida não diz “após sessenta e nove semanas, mas não na septuagésima”.⁷² Tal explicação é uma suposição gratuita. Visto que ele ainda deve tratar com a septuagésima semana e tratou claramente com as sessenta e nove precedentes (v. 25), é absolutamente natural assumir essa morte do Messias como sendo em algum momento dentro do período de sete anos cobertos pela septuagésima semana. A profecia das Setenta Semanas é o período de tempo principal e abrangente, e a morte do Messias é um evento de significância profética e redentora insuperável em geral e fundamental para explicar o objetivo das Setenta Semanas declarado no versículo 24 em particular.

Segundo, o peso da profecia de Daniel: As “seis ações [do versículo 24] pertencem ao ‘povo’ (Israel) de Daniel e sua “Santa Cidade” (Jerusalém), não à igreja”.⁷³ McClain diz que “o cumprimento dos eventos tremendos no versículo 24 não pode se encontrado em nenhum lugar na história conhecida”.⁷⁴ Esses ainda têm que ocorrer para Israel, daí a necessidade [para os dispensacionalistas] dos eventos serem futuros.

Como argumentei acima, a idéia principal da profecia das Setenta Semanas diz respeito à redenção Messiânica. O Messias é “o Santo dos Santos”, que traz “reconciliação” e efetua “redenção eterna” (v. 24). Ele faz isso para Israel e os gentios. Ele efetuou de fato essa redenção eterna por sua morte (v. 24), que é claramente o significado de ser “tirado” (v. 26). E como uma questão de registro histórico, sua morte ocorreu dentro dos sete anos da sua unção batismal. O que nos força a abandonar um período de tempo unificado para as Setenta Semanas?

⁷¹ Pentecost, “Daniel,” *BKC*, p. 1364. Veja Walvoord, *The Rapture Question*, p. 25.

⁷² Hans K. LaRondelle, *The Israel of God in Prophecy* (Berrien Springs, MI: Andrews University, 1983), p. 173.

⁷³ Pentecost, “Daniel,” *BKC*, p. 1364.

⁷⁴ McClain, *Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks*, p. 35.

Terceiro, uma hermenêutica apropriado: Sobre a abordagem não-dispensacionalista, Walvoord comenta: “nenhuma delas fornece um cumprimento literal da profecia”.⁷⁵ Se o literalismo é a abordagem apropriada de toda profecia, então devemos rejeitar qualquer visão das Setenta Semanas que coloque esses eventos no passado.

As falhas hermenêuticas inerentes no literalismo já foram tratadas em vários lugares. Elas não precisam ser repetidas aqui. Contudo, é interessante que os dispensacionalistas não são consistentes aqui. Walvoord critica E. J. Young e outros amilenistas porque eles “rejeitam a idéia que isso são 490 anos literais”.⁷⁶ Mas Daniel fala de “semanas” literais, não anos!

Quarto, uma admissão fatal: “Historicamente, a destruição de Jerusalém ocorreu em 70 d.C., quase quarenta anos após a morte de Cristo”.⁷⁷ Visto que isso foi dado na profecia de Daniel e deveria ocorrer dentro das setenta semanas, “a teoria do cumprimento contínuo é deixada sem qualquer explicação adequada para inserir um evento como ocorrendo após o sexagésimo nono sete por alguns trinta e oito anos”.⁷⁸

Eu já expliquei a relação das setenta semanas com a destruição do Templo em 70 d.C. (veja acima). O objetivo das Setenta Semanas não é a destruição do Templo em 70 d.C., que não é mencionada no versículo 24. Essa destruição é uma consequência posterior de certos eventos cumpridos dentro das setenta semanas. O ato real de Deus reservar o julgamento (v. 24) ocorreu dentro das setenta semanas; a remoção posterior dessa reserva não. Não existe nenhuma necessidade para um intervalo.

Quinto, a tendência geral na profecia: “Nada deveria ser mais claro para alguém ao ler o Antigo Testamento que a visão nele fornecida não descreve o período de tempo entre os dois adventos. Esse mesmo fato confundiu até mesmo os profetas (cf. 1Pe. 1:10-12).”⁷⁹ O argumento então é esse: a profecia do Antigo Testamento pode unir o Primeiro e o Segundo Advento numa cena, embora esses eventos sejam separados por milhares de anos. Consequentemente, temos garantia bíblica para entender a sexagésima nona e a septuagésima semana como unidas numa cena, embora separadas por um intervalo de milhares de anos.

⁷⁵ Walvoord, *Daniel*, p. 232.

⁷⁶ Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, p. 250.

⁷⁷ Walvoord, *Daniel*, p. 230.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 230.

⁷⁹ Walvoord, *Rapture Question*, p. 25.

Esse argumento é totalmente sem mérito. Deve ser observado que as Setenta Semanas são consideradas como uma unidade, embora subdivididas em três partes desiguais:

Ela é um período de setenta semanas que deve ocorrer para experimentar os eventos mencionados; as partes formam um todo unificado. Os três períodos separados de semana não são a cronologia principal na revelação; esses três períodos (7+62+1) totalizam o período de tempo abrangente das setenta semanas de anos. O plural “setenta semanas” é seguido por um verbo singular “está decretada” (versão do autor), que indica a unidade do período de tempo. Os dispensacionalistas até mesmo argumentam vigorosamente contra permitir um intervalo no meio da septuagésima semana, visto que “a semana é uma”.⁸⁰

Uma preocupação prioritária da profecia, em distinção de todas as outras profecias Messiânicas, é que ela é designada como uma mensuração do período de tempo. As primeiras palavras na profecia apontam enfaticamente para esse fato; essas palavras são: “setenta semanas”. Se existissem intervalos entre as unidades, a idéia toda de mensuração contida nas “setenta semanas” seria destruída. Nenhuma das outras profecias propostas como ilustrações de um intervalo é apresentada como uma medida de tempo.⁸¹

Todos concordam que as primeiras duas unidades no período (sete e sessenta e dois) seguem consecutivamente. Por que não deveria também o período final de sete? Estranhamente, Walvoord – que defende a teoria do intervalo⁸² – critica Mauro por permitir que os últimos sete anos sejam um período indefinido de tempo: “Contudo, em vista da precisão dos setenta anos do cativo mencionado no mesmo capítulo, o contexto indica a probabilidade de uma intenção mais literal na revelação.”⁸³ Mauro permite uma septuagésima semana de quarenta anos, estendida pela longanimidade graciosa de Deus para com Israel. Walvoord permitiu um intervalo de quase 2000 anos de duração, destruindo totalmente a possibilidade de mensuração. Como Walvoord é “mais literal”? A visão de Mauro está muito mais próxima da medida que a de Walvoord – pelo menos os eventos desse período de tempo precisamente mensurado estão no mesmo século! Os de Walvoord estão separados por milênios!

⁸⁰ Pentecost, *Things to Come*, p. 198.

⁸¹ Além disso, os dispensacionalistas separam o que Deus uniu. Isto é, passagens tais como Isaiás 9:6-7 unem o ministério terreno de Cristo com o seu reino porque o cumprimento se dá no primeiro século!

⁸² Walvoord, *Daniel*, pp. 230-231.

⁸³ *Ibid.*, p. 218.

Se a teoria do intervalo dispensacionalista com respeito a septuagésima semana é verdadeira, então o intervalo separando a septuagésima da sexagésima nova é quase de 2000 anos de duração, ou quatro vezes o período inteiro de tempo das setenta semanas ou 490 anos! Como os dispensacionistas podem esperar argumentar a favor do cumprimento exato das primeiras setenta semanas – até o dia!⁸⁴ –, quando eles permitem uma interrupção milenar entre duas das semanas? Ryrie até mesmo reprova os amilenistas por datar o decreto de Dn. 9:24 em 538 a.C., pois “isso tem o efeito de permitir que os setenta setes sejam imprecisos na duração”! Então, ele dá meia volta mais tarde para observar: “Existe um intervalo de duração indeterminada entre as primeiras sessenta e nove semanas de sete anos cada e a última ou septuagésima semana de sete anos”!⁸⁵

Sexto, a ordem dentro da profecia: “No registro da profecia, a destruição da cidade [v. 26b] é colocada antes da última semana [v. 27a].”⁸⁶ Visto que isso ocorreu em 70 d.C., devemos permitir um intervalo para justificá-lo.

Esse argumento ignora as peculiaridades do estilo poético hebraico. A mente oriental frequentemente confunde a preocupação ocidental com uma sucessão cronológica; a estrutura ocidental não pode ser inserida na passagem. Esse “padrão revelacional”⁸⁷ permite uma repetição paralela e expansão do assunto, sem exigir uma sucessão real no tempo. O entendimento apropriado da relação entre os versículos 26 e 26 é dada acima.

Sétimo, a interpretação por Cristo: “O testemunho no nosso próprio Senhor [em Mt. 24:15] mostra que a Septuagésima Semana ainda é futura”.⁸⁸ Esse problema já foi respondido nas respostas dadas aos argumentos Quatro e Seis acima. O Senhor faz uma citação a partir da porção da passagem de Daniel que está fora da preocupação das próprias setenta semanas.⁸⁹

⁸⁴ Robert Anderson, *The Coming Prince* (London: Hodder and Stoughton, 1909). Feinberg, *Millennialism*, p. 150. H. Wayne House and Thomas D. Ice, *Dominion Theology: Blessing or Curse?* (Portland, OR: Multnomah, 1988), p. 321: “Daniel predisse precisamente o ano no qual o Messias seria tirado.” Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ*, p. 139: “O *terminus ad quem* da sexagésima semana era o dia da entrada triunfal de Cristo em 30 de março de 33 d.C..”

⁸⁵ Ryrie, *Basic Theology*, pp. 448, 465.

⁸⁶ McClain, *Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks*, p. 35.

⁸⁷ J. B. Payne, “Goal of Daniel's Seventy Weeks,” p. 109.

⁸⁸ McClain, *Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks*, p. 39.

⁸⁹ Veja os dois capítulos seguintes para um estudo detalhado de Mateus 24.

O Pacto do Versículo 27

A confirmação do pacto mencionado no versículo 27 é lamentavelmente mal entendida pelos dispensacionalistas. Eles a aplicam a um governador ainda futuro e malévolo, que estabelece e então quebra um pacto político com Israel.

De acordo com Walvoord: “Isso se refere ao governador mundial vindouro no começo dos últimos sete anos, que consegue controlar dez países no Oriente Médio. Ele fará um pacto com Israel por um período de sete anos. Como Daniel 9:27 indica, no meio dos sete anos ele quebrará o pacto, fará cessar os sacrifícios que estão sendo oferecidos no templo reconstruído nesse período, e se tornará o perseguidor de Israel ao invés de protetor, cumprindo as promessas do dia de angústia de Israel (Jr. 30:5-7).”⁹⁰

Pentecost declara: “Esse pacto será feito com muitos, isto é, com o povo de Daniel, a nação de Israel. ‘O governador que virá’ (Dn. 9:26) será quem fará esse pacto, pois essa pessoa é o antecedente da palavra ele no versículo 27. Como um governador ainda futuro, ele será o cabeça final do quarto império (o pequeno chifre da quarta besta, 7:8).”⁹¹

Muitos problemas praguejam essa interpretação, vários dos quais já foram mencionados em outra ocasião:

O pacto aqui não é feito, mas confirmado. A palavra comum para o estabelecimento inicial de um pacto é *karat*.⁹² Contudo, esse é na verdade a confirmação de um pacto já existente, isto é, o pacto da graça redentora de Deus confirmado por Cristo (Rm. 15:8).

A palavra “confirmado” (hebraico *higbar*) é uma forma muito enfática de *gabar*. Não somente o próprio termo indica uma confirmação de um pacto,⁹³ mas em sua presente forma ele é uma expressão muito forte para se aplicar a um pacto feito e então quebrado pelo Anticristo.

Como observado acima, o termo está relacionado com o nome do anjo de Deus que entregou a mensagem a Daniel: Gabriel (“Deus é forte”). O correspondente léxico entre o nome do anjo forte de Deus e o tornar

⁹⁰ Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, p. 257.

⁹¹ Pentecost, “Daniel,” *BKC*, p. 1364.

⁹² Francis Brown, S. R. Driver, and Charles A. Briggs, eds., *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Rev. ed.: Oxford: Clarendon, 1972), p. 503.

⁹³ Brown, Driver, Briggs, *Hebrew Lexicon*, p. 149.

forte o pacto é em si mesmo sugestivo da natureza divina do pacto. Em adição, as passagens pactuais frequentemente empregam termos semelhantes, quando falando do Deus forte do pacto.⁹⁴

O paralelismo com o versículo 26 indica que a morte do Messias está diretamente relacionada com a confirmação do pacto. Ele é “tirado”, mas “não para si mesmo” (v. 26a, versão do autor), pois ele “confirma o pacto” para os “muitos” de Israel (v. 27a). Sua morte (ser “tirado”) traz a consumação do pacto, pois “sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb. 9:22). Como Cristo coloca: “Porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt. 26:28).

O pronome indefinido “ele” não se refere ao “príncipe que há de vir” do versículo 26.⁹⁵ Esse príncipe é um substantivo subordinado; “o povo” é o substantivo dominante. Assim, o “ele” se refere ao último indivíduo dominante mencionado: “Messias” (v. 26a). O Messias é a figura principal em toda a profecia, de forma que até mesmo a destruição do Templo está relacionada com sua morte. De fato, o povo que destruiu o Templo são providencialmente “seus exércitos” (Mt. 22:2-7).

Foi com a morte de Cristo que o Judaísmo foi legalmente (pactualmente) abolido, trazendo “um fim ao sacrifício e oferta” (Hb. 7:12, 18). Os sacrifícios eram uma confirmação legal do pacto divino com o povo do pacto, Israel: “Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios” (Sl. 50:5).⁹⁶ Existe uma relação inquebrável entre a morte de Cristo e a destruição final do Templo (Lucas 20:14-18; 23:28-31); é a relação entre causa legal e efeito temporal.

Conclusão

Um estudo cuidadoso das Setenta Semanas de Daniel remove do nosso futuro a devastação por causa de julgamento indicada em seus últimos versículos. É somente mediante uma ginástica hermenêutica e uma suspensão da razão que um intervalo imenso pode ser importado para Daniel, a fim de interromper o período de tempo de outra forma cronologicamente exato. E esse intervalo é necessário se as Setenta Semanas de Daniel precisarem ser projetadas para o nosso futuro. Mas

⁹⁴ Dt. 7:9, 21; 10:17; Ne. 1:5; 9:32; Is. 9:6; Dn. 9:4. Veja discussão anterior acima.

⁹⁵ Kline provides interesting arguments for the reference "the prince who is to come" (v. 27) being to "Messiah the Prince" (v. 25). If this were conclusive, the "he" would then refer back to the Messiah in either view.

⁹⁶ Sl 50:5. Cf.: Ex. 24:8; Lv. 2:13; Nm. 18:19; Zc. 9:11. Contra-ex.: Ex. 34:15; 2Re. 17:35; Ed. 44:7.

como temos visto, não somente isso é difícil de fazer, mas é totalmente desnecessário.

A famosa profecia de Daniel encontrou seu cumprimento no primeiro século da nossa era. Conseqüentemente, a expectativa pessimista de muitos cristãos evangélicos que é fundamentada nessa passagem não possui nenhuma garantia.

Fonte: <http://www.cmfnw.com/articles/pt551.htm>